

INSCRIÇÃO LATINA DE ALCOITÃO *

por José d'Encarnação

A lápide, de que nos vamos ocupar, pertence à Sr.ª D. Maria Alice Peres Ferreira, residente em Carcavelos, tendo-lhe sido entregue por um pedreiro de Alcoitão, João Emídio Duarte Roquete, que diz ter a pedra encontrada há vinte anos: quando mandou fazer a sua casa, naquela localidade da freguesia de Alcabideche, concelho de Cascais, a pedra veio com outras, numa carrada trazida pelos bois. Não há a certeza do local exacto donde teria vindo, mas o sr. João Emídio supõe que a trouxeram de uma igreja velha existente perto da sede da sociedade de Alcoitão.

A sua existência foi-nos comunicada pelo sr. Arq. Francisco Gentil Berger, vogal responsável pelo pelouro «Cultura» da comissão administrativa do concelho de Cascais, que no-la emprestou para estudo a 5 de Agosto deste ano de 1975. Para ele, os nossos agradecimentos.

Medidas

A pedra, em mármore branco-róseo da região, paralelepípedica, mede:

alt. — 0,335 m
larg. — 0,29 m
espessura — 0,175 m

Uma das faces tem inscrição no seguinte campo:

alt. — 0,225 m
larg. — 0,26 (1.ª l.), 0,25 (2.ª l.), 0,263 (3.ª l.), 0,25 (4.ª), 0,23 (5.ª).

Alt. das letras — 0,038 m
Distância entre as letras — 0,01 m (em média)
Distância entre as linhas — 0,01 m

(*) Comunicação apresentada, em 1975, ao II Colóquio Arqueológico de Setúbal.

Particularidades da gravação

Caracteres monumentais, bem desenhados, gravados a pequena profundidade (pouco mais de 1 mm).

Sulcos horizontais bastante tênues, nomeadamente os dos AA.

O O é ligeiramente elíptico, enquanto o Q se apresenta com uma circunferência perfeita e a haste inferior expressivamente rasgada na horizontal; o R, bem na perpendicular, tem a parte superior mais recolhida enquanto a perna inferior avança obliquamente; o E vem grafado com os três travessões de igual tamanho. Paleograficamente, poderemos datar a epígrafe dos finais do séc. I d.C., tempo do imperador Trajano (97-117).

O conjunto é muito perfeito, com linhas bem calculadas no espaço, embora tenha 13, 11, 9, 9 e 8 caracteres, respectivamente, da 1.ª à 5.ª linhas (onde o gravador alargou os espaços inter-literais decerto por deficiente cálculo do que lhe restava para gravar).

As últimas quatro linhas estão completas; a primeira deste fragmento é que se não lê totalmente, em especial nas suas partes inicial e final, porque a epígrafe aí foi partida, conquanto se distingam restos de caracteres que se poderão identificar. Aliás, a pedra só sofreu danos na sua parte superior, onde estaria o início da inscrição; as outras faces estão lisas e bem talhadas; a inferior manteve-se — quiçá propositamente — picada, com um pequeno buraco ao centro para eventual utilização como suporte.

No corpo da inscrição três factores dificultam a leitura. Um, a já assinalada pouca profundidade de gravação, mormente dos travessões, que não permite uma distinção clara entre um T e um I ou, até, um L. O outro, a quase imperceptibilidade dos **puncti distinguentes**: se, nalguns locais, a sua presença não oferece dúvida, noutros torna-se problemática uma decisão convicta. Em terceiro lugar, há, na 1.ª, na 2.ª e na 4.ª linhas, em locais-chave para a decifração, pequenas falhas da pedra, provavelmente motivadas pelos tratos que, ao longo dos anos, a pedra levou.

Leitura

Procedemos à lavagem da face epigrafada, de forma a retirar-lhe a patina acumulada, constituída por musgos e poeira. Fotografámo-la à luz rasante e efectuámos também um decalque com papel mata-borrão. A pedra esteve em nossa casa durante vários meses, pelo que nos foi possível estudá-la amiúde, tendo feito leituras directas (na epígrafe) e indirectas (através do diapositivo e do decalque).

É sempre hipotético sugerir quantas linhas faltam à inscrição, porque não há na pedra quaisquer elementos que nos forneçam bases para este cálculo, a não ser — eventualmente — as proporções da epígrafe. Neste aspecto, cremos possível a existência de, pelo menos, mais três linhas, o que viria a corresponder a mais uns 13 cm de alto no corpo da inscrição. Nessas três linhas se encontraria a chave para decifrar o carácter do monumento, na medida em que — ao contrário do que é hábito — o texto termina de forma inusitada, não trazendo luz sobre a sua finalidade: votiva, dedicatória, funerária ou outra...

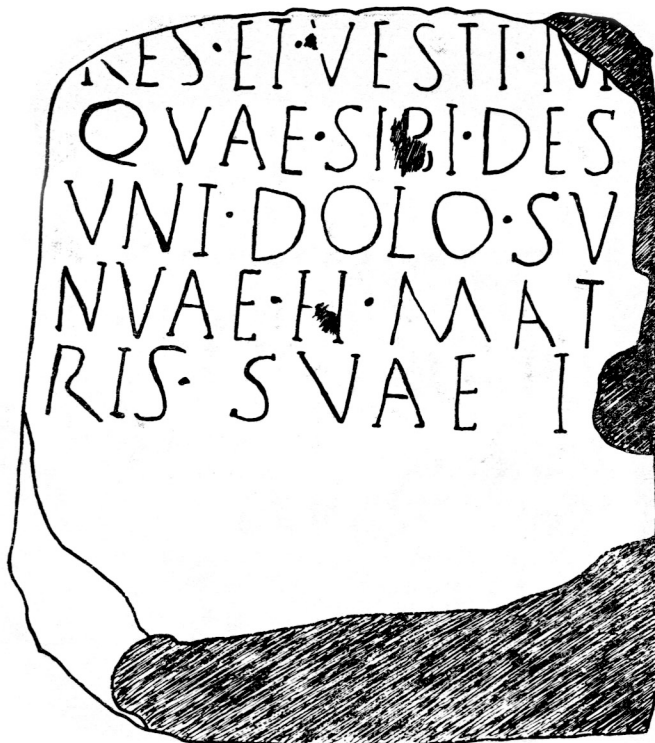
É, de resto, a ausência dessa base classificativa que dificulta de imediato a leitura — e a consequente interpretação — de várias passagens.



Dentro de todas as limitações assinaladas, propomos esta leitura :

[R]ES · ET · VESTI · N[...]
 QVAE · SIBI · DES
 VNT · DOLO · SV
 NVAE · ET · MAT
 RIS · SVAE I

Observações : 1.ª linha : Reconstitui-se ET dubitativamente porque, além de não ser nítida a parte superior, os traços horizontais não são nítidos. A seguir ao V lemos E ; também poderia ser um I seguido de ponto. Depois do segundo S, três hipóteses : H (a menos provável, porque não há qualquer indício de travessão, apesar da pedra se encontrar aí esmurrada), dois I com ponto intermédio ou TI (como lemos). O



N reconstitui-se bem e da última letra só resta a parte inferior, podendo ser F, T ou I (mais provável).

2.ª linha: A letra esmurrada é B, com toda a probabilidade. Depois do D pareceu-nos de início que havia um L; contudo, apesar de muito ténues, poderão detectar-se os outros dois travessões do E.

3.ª linha: Parece-nos T (e não I) a 3.ª letra; entre os dois O lemos inicialmente um I, embora estranhássemos o espaço inusitadamente largo existente entre ele e a letra seguinte; por isso, e mau grado não ser suficientemente nítido o traço inferior, preferimos ler L.

4.ª linha: A única dúvida reside no meio, onde se vai encontrar — de novo em gravação extraordinariamente ténue — algo que pode ter mais do que uma leitura: dois I separados por um ponto, um H (pode haver traço horizontal) ou até ET (embora não seja nada visível o traço inferior do E).

Interpretação

Em face do exposto não nos é possível indicar uma interpretação satisfatória, mormente para a 1.ª linha. Para as outras talvez se possa aventar: QVAE SIBI DES/VNT

DOLO SV/NVAE ET MAT/RIS SVAE I (**ussu**). Traduzindo : (...) **que lhe faltam por engano, a rogo de Sunua e de sua mãe.**

Portanto, ou para a construção dum monumento ou para o cumprimento dum voto, algo faltara por engano ; quem mandou executar a lápide vem repôr essa falta ou a mandado de Sunua e de sua mãe ou porque aquilo que Sunua e sua mãe haviam mandado executar não fora, por engano, bem executado.

Maria Lourdes Albertos crê exactamente que, na 1.ª linha, estará uma forma verbal (**restiviset**, por exemplo, restituíra) e que o **N** final seria a abreviatura de **nummum** (moedas). Parece-nos forçado.

A romanização de Cascais

Para além do seu interesse epigráfico, pelo inusitado das fórmulas este monumento revela, precisamente pela sua complexidade, um estádio já avançado de romanização das gentes que habitaram a região.

É esta a 12.ª inscrição latina que se encontrou no concelho de Cascais. As restantes provieram de povoações muito próximas e datam aproximadamente da mesma época e são feitas ou de mármore ou de calcário liós, mas sempre com material da região : três de Alapraia, três de Caparide, uma de Manique de Baixo (Carrascal), três de Murches e uma de Pau Gordo. A maior parte das inscrições encontradas até agora são funerárias : além dos **tria nomina**, vem, por duas vezes, indicada a tribo Galéria. A inscrição de Carrascal de Manique está numa ara muito perfeita dedicada à divindade indígena **Araco Aranio Niceo** e foi achada num local onde se supõe ter existido uma ermida em honra de S. Paulo (ver **Actas das II Jornadas Arqueológicas**, Lisboa, 1974, p. 195-204). Diremos que são muitas inscrições — e muito significativas — para uma extensão territorial tão exígua.

Afirmção que ganhará relevo se dissermos que nas duas colinas — com sinais geodésicos — junto a Murches, há povoados romanos : um, **Casais Velhos**, junto ao Selão, que tinha muralhas e torreões e dominava o areal do Guincho ; outro, inexplorado, mas de grande importância se atentarmos nos vestígios superficiais, em João Cidreira, no Alto de Alvide, donde se abarca toda a entrada no Tejo.

Esta inscrição — honorífica ou monumental, como tudo leva a crer — põe-nos mais uma vez perante a urgência de salvarmos, enquanto a urbanização os não destrói, os vestígios romanos existentes no concelho de Cascais e em toda a Costa do Sol.

Importante ponto de convergência actual das populações, esta região teria sido também importante centro de ocupação dos Romanos.